

INTERLOCUÇÃO EM ESPAÇOS VIRTUAIS E RECONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE AUTOR E LEITOR

Márcia de Souza Luz-Freitas (Unifei)
marcialf@unifei.edu.br

1. Introdução

Vários gêneros textuais têm surgido a partir dos recursos tecnológicos e da diversidade de mídias da atualidade. Apresentam-se, neste artigo, reflexões surgidas no desenvolvimento de pesquisa sobre produção textual em ambientes virtuais¹, trazendo à tona as indagações que o objeto tem suscitado. Há que se destacar que a temática é ainda recente e há grande dinamismo no tocante ao objeto de estudo que se delinea.

Há, no espaço virtual, peculiaridades específicas no tocante a autor e leitor, cujos papéis se entrelaçam e se confundem pela facilidade dos processos de adição, alteração e edição de um texto. O aspecto principal, ora discutido, recai justamente sobre as formas de interlocução nesse espaço e, em consequência destas, sobre a relação que se estabelece entre autor e leitor. Para tanto e, considerando a especificidade dos gêneros textuais que circulam em meio eletrônico, busca-se suporte nas teorias sociointeracionistas que amparam os estudos linguísticos e nas teorias do hipertexto.

O objetivo, neste trabalho, é analisar o conceito de autoria que se configura na interlocução virtual e o papel do leitor, como construtor ativo de significados, que reorganiza e reescreve o texto, produzindo novo texto, ou seja, tornando-se também autor.

Para essa análise, na qual se trabalhou com um *corpus* constituído de publicações virtuais em *blogs*, funcionando estes como fer-

¹ Linha de pesquisa “Educação a distância: possibilidades e limites”, do Grupo de Ensino e Pesquisa em Humanas da Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=05917081AMW3CO&seqlinha=4>

ramenta tecnológica e suporte textual, partiu-se dos seguintes pressupostos:

- a) O texto eletrônico demanda, para a produção de sentidos, uma nova concepção de autoria.
- b) A possibilidade de uma autoria coletiva resultante dessa interlocução redesenha as relações entre locutor e alocutário.

2. A relação autor-leitor em espaços virtuais

A noção de autoria que se construiu após a revolução tecnológica da escrita e anteriormente à era cibernética faz do autor de um texto escrito não só escritor, mas também aquele “cujo nome dá identidade e autoridade ao texto” (SOARES, 2007, p. 25).

O conceito de autor é, por esse ângulo, repleto de significação de poder, pois confere prestígio ao indivíduo-escritor (FOUCAULT, 1979, *apud* SOARES, 2007, p. 25). Em relação ao texto literário, por exemplo, forma-se uma aura em torno da figura do autor, como indivíduo talentoso, criativo, que se destaca dos demais.

Entretanto, os estudos sobre o discurso têm contribuído para a desmistificação da figura do autor ao questionar sua posição como sujeito daquilo que diz Bakhtin (1981, p. 3), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, ao introduzir o conceito de polifonia diz: “é como se o romance contasse com vários autores, cada qual apresentando a sua visão do mundo (...) resultado da expressão de diversos indivíduos autônomos e livres em relação ao autor”.

A comunicação é, segundo Bakhtin (2004, p. 123), um processo interativo que vai além da transmissão de informações. É o fenômeno social da interação verbal – a enunciação – que constitui a verdadeira substância da língua. O sujeito constitui o seu discurso, no movimento de interação social, por meio da apropriação e da significação de palavras alheias, que, simultaneamente, geram réplicas ao dizer do outro e, na sequência, mobilizam o discurso desse outro. Assim, a noção de interação verbal decorre do

efeito de sentidos originado pela sequência verbal, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas condições de produção e também pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Ou seja, além dos aspectos linguísti-

cos as condições de produção do discurso são definitivas para compô-lo (SOERENSEN, 2009, p. 4).

Ao se conceber o texto como uma unidade maior fundamentada na interação, pode-se afirmar que seu sentido é construído dentro dessa interação, em que locutor e interlocutor têm papel ativo na produção de sentidos.

Benveniste (1989), em seus estudos sobre a enunciação, destaca que a descrição de enunciados por si só não chega a configurar o discurso. As condições de emprego das formas não são idênticas às condições de emprego da língua. O discurso é a língua assumida pelo homem que fala. “Somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens” (BENVENISTE, 1989, p. 63). O discurso é, portanto, um ato social, que prenuncia uma interação. Um ato de linguagem não pode ter como foco apenas o locutor, mas a interação entre locutor e alocutário.

Se a invenção de Gutemberg, no século XV, conforme relata Soares (2007) é fator decisivo para a relevância dada ao autor, o surgimento da internet vem a ser fator decisivo para a ruptura desse paradigma.

A tipografia móvel, ao possibilitar a produção em maior escala de materiais escritos, dá visibilidade ao escritor, que deixa de ser anônimo ou coletivo, e passa a ter seu nome associado ao nome da obra – solidifica-se, aos poucos, o conceito de propriedade e de direitos autorais. As tecnologias da era eletrônica têm gerado questionamentos sobre a propriedade e os direitos autorais de uma obra. Na realidade, a sociedade da informação, ao favorecer o acesso, de certa forma, rompe o elo que se criou entre autor e obra. É possível (e, em alguns casos, aceitável) apropriar-se da informação, independentemente de quem a “publicou”.

Chartier (2003) considera o salto para o suporte eletrônico a mais radical transformação na técnica de produção e reprodução de textos e na forma como são disponibilizados. A tecnologia altera substancialmente a relação entre o leitor e o material escrito e o modo de significação. Em gêneros textuais característicos do meio eletrônico, o processo de interação torna inconcebível que ainda se possa pensar o autor como um locutor que exprime seu pensamento e transmite informações, pois “a instância pertinente em matéria de

discurso não será mais o enunciador, mas o par formado pelo locutor e pelo interlocutor, o enunciador e seu coenunciador” (MAINGUENEAU, 1996, p. 19).

É importante salientar que, nesse processo interacional, o leitor de um texto disponível em ambiente virtual se torna um leitor participativo, mais presente, ou, para usar a nomenclatura de Maingueneau (1996, p. 37), um leitor cooperativo. Esse novo leitor contribui para a diluição da relevância do autor.

Considera-se, para a interlocução em espaços virtuais, a proposição de Costa (2010, p. 4):

Pode-se falar em dois tipos de comportamento/ desempenho de recepção e/ou produção discursivas. Na recepção (leitura), o usuário-navegador escolhe os *links* que quer numa página da *web* e faz seu caminho de leitor (...). Na recepção e/ou produção, o usuário é ao mesmo tempo leitor e produtor de textos e pode colaborar *on line*, adicionando comentários, introduzindo um vídeo ou um áudio, fazendo sugestões, re-elaborando os textos, entre outras ações.

O redesenho das relações entre o novo autor e o novo leitor exigidos pelo ambiente cibernético sugere a possibilidade de uma autoria coletiva, em que ambos, como produtores de sentidos nesse espaço, reorganizam e reescrevem um texto que está aberto por meio da dinâmica que permite ao alocutário (leitor) tornar-se locutor (autor) a cada interlocução.

O perfil desse último usuário corrobora a noção de uma autoria coletiva no *blog*, que configura a interlocução e redesenha as relações entre locutor e alocutário. O *blog* apresenta, assim, uma peculiaridade específica no tocante a autor e leitor, cujos papéis se entrelaçam e se confundem.

3. Produção textual e interlocução nos blogs

A palavra *blog* origina-se da abreviação de *weblog*, composto cujo primeiro elemento, *web* (tecido, teia), designa o ambiente de *internet* e cujo segundo elemento, *log*, significa diário de bordo. A palavra é usada para denominar uma espécie de ambiente do mundo virtual que permite a seus usuários inserir conteúdos na internet e interagir com outros internautas. A interação observada nesse ambiente

se faz principalmente na inserção de comentários que geram um ir e vir de turnos de interlocução, gerenciados pelo proprietário do *blog* (COSTA, 2009).

Concebido como uma alternativa popular para a publicação de textos *online*, o *blog*, surgido em agosto de 1999, com a utilização do *software* Blogger, tornou-se uma ferramenta de grande sucesso, por dispensar conhecimento especializado em computação, além de facilitar as atividades de edição, atualização, divulgação e organização dos textos e permitir a convivência, num mesmo ambiente, de textos escritos, imagens e som (Figura 1).



Figura 1 – Página inicial de Blog

Destaca-se, apesar dessa multiplicidade semiótica, que, para Marcuschi e Xavier (2004, p. 15), “a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita”. Ora, sendo o *blog* um ambiente específico da internet, pode-se considerá-lo, sob esse prisma, fundamentalmente baseado na escrita.

Uma primeira discussão que se estabelece em relação a esse espaço virtual é se ele deveria ser visto como ferramenta tecnológica, como suporte ou como gênero textual (COSTA, 2009; MARCUSCHI, 2003). Uma vez que os proprietários de *blogs* têm diferentes intenções ao criá-los, estes podem veicular grande variedade de textos – de um *blog* para outro ou ainda “dentro” de um mesmo *blog* (os *gadgets*). Dessa forma, se for visto como gênero textual, este se faria a partir de um processo de hibridismo. Perceber o *blog* como ferramenta seria conceber um processo bem parecido já que há, para ele, uma série de ferramentas que lhe acrescentam outras funcionalidades (os *widgets*). Prefere-se, nesse primeiro momento, considerá-lo, a partir da própria ideia de espaço virtual, como suporte textual, amparando-se tal categorização na definição de Marcuschi (2003, p. 7):

Suporte textual tem a ver centralmente com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem como um suporte estático e sim como um *locus* no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta.

Outra questão que toma corpo é a similitude entre as características do ciberespaço e o fenômeno da transtextualidade. Os estudos sobre hipertexto têm ganhado notoriedade dentre vários campos de estudo, principalmente em decorrência da popularidade do acesso à *internet*. A significação do termo está presa à metáfora da rede, já delineada por Foucault, em sua obra *Arqueologia do saber*, publicada em 1969.

O hipertexto é, conforme descreve Genette (1982), apenas uma manifestação dentre os cinco tipos de transtextualidade:

- a) intertextualidade – uma das formas mais visíveis e, talvez por isso, a mais explorada nas análises textuais, compreende as referências, as citações e as alusões que se fazem acerca de um texto em outro;
- b) paratextualidade – diz respeito aos textos, de certa forma complementares, que acompanham um texto principal, como por exemplo, prefácio e notas de rodapé;
- c) metatextualidade – engloba-se nesse conceito a existência de textos que surgem como comentários de um texto anterior;

- d) arquitextualidade – aborda o texto em relação ao estatuto a que pertence, que permite sua classificação;
- e) hipertextualidade – abrange as relações que unem um texto a outro (hipertexto e hipotexto – daí os *links* na *internet*, que popularizaram o conceito de hipertexto).

A interação pressuposta no ambiente virtual exige de autor e leitor o domínio dos percursos transtextuais. Ceia (2005), no entanto, adverte quanto a uma diferença entre o conceito de hipertexto genético, no qual se percebe um apagamento premeditado de um texto por outro, e o conceito eletrônico de hipertexto, que pressupõe o diálogo intertextual sem que haja alguma absorção.

Segundo Ceia (*idem*),

O autor de um hipertexto não mais pode colocar-se numa posição de onisciência sobre o texto, ao contrário do autor tradicional que controla (ou cria personagens que controlam) de alguma forma o sentido da leitura e os passos lineares do leitor. O autor de um hipertexto não pode começar nem acabar a sua obra, pois esses limites, pela sua natureza dinâmica, estão sempre entreabertos à criatividade literária do leitor e à sua competência tecnológica também. A onisciência hipertextual é agora uma experiência coletiva e ilimitada, nunca se podendo fechar a si própria num único sentido.

Faz-se preciso salientar que o proprietário do blog assume os papéis de autor e leitor e, além destes, o papel de administrador do ambiente virtual que criou. É ele o responsável por, entre outras ações, vincular à página eletrônica e nela distribuir os *gadgets* e *widgets* (paratextos?). Essas ações são guiadas não só pelo estilo do proprietário, mas também pela busca de uma interface amigável e que agrade esteticamente ao interlocutor.

Há basicamente dois pontos-chave no percurso de uma postagem (cada entrada de texto registrada no ambiente e organizada em ordem cronológica preferencialmente inversa) em um *blog*. O primeiro deles é justamente a inserção do novo *post*, o texto principal (hipertexto?). A partir de sua publicação, abre-se espaço para a recepção de comentários (metatextos?), por meio de um *link* (hipotexto?). Pode-se, a partir dessas relações, questionar se o *blog* seria mesmo suporte.

O ambiente permite que se alterem os nomes “Postagem” e “Comentários”. Assim, encontram-se personalizações tais como as reproduzidas a seguir:

Foguete lançado por Márcio Ezequiel **0** Rojões. Lance o seu aqui!!

Fonte: <http://marcioezequiel.blogspot.com>

Rabisco de Ricardo Novais em 22.8.10 **0** Opiniões & Releituras.

Fonte: <http://blogdoriconovais.blogspot.com>

Projetado por Camila ♥ **0** Andarilhos

Fonte: <http://caminhosdecamila.blogspot.com>

Ao inserir seu comentário, o leitor do texto publicado é visto como um construtor ativo de significados, que produz, reorganiza e reescreve o texto, ou seja, torna-se também autor (Figuras 2 e 3).



Fonte: LUZ-FREITAS, 2009

Figura 2 – Exemplo de leitor-editor-colaborador

Paulo Laurindo disse...
Belo exercício de discurso livre e desobediente. Só não gostei mais

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, N° 2, t. 2

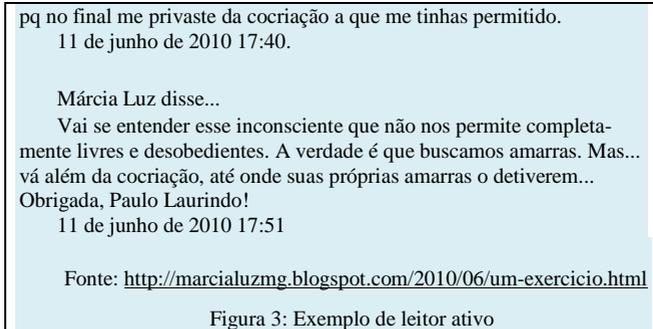


Figura 3: Exemplo de leitor ativo

O *link* comentários é, portanto, mais que um convite ao leitor-autor, um elemento estruturador desse novo texto eletrônico, um entretecer de textos, resultante de contextos situacionais distintos que se unem de forma não linear e que proporcionam uma interação bem maior que aquela existente na tradicional relação autor-leitor. O texto está continuamente aberto por meio dessa dinâmica que faz da criação textual um processo de infinitas interligações.

4. Conclusão

A análise do *corpus* permite concluir que o entretecer de textos que dá estrutura ao texto eletrônico pode proporcionar uma interação bem diferente daquela observada na relação tradicional autor-leitor. É perceptível a importância do leitor no processo de atribuição de sentido à obra e, mais que isso, é notória a fusão dos papéis de receptor e produtor de textos que caracteriza esse novo leitor.

É claro, cabem aqui algumas indagações que levam à necessidade de continuar a pesquisa ora iniciada. Formulam-se aquelas que se fazem mais prementes: Teria o blog ora a classificação de suporte ora de gênero textual? Pode-se atribuir ao blog, enquanto ambiente virtual/suporte, a reconfiguração dos papéis de autor-leitor? Essa reconfiguração poderia ter lugar também em outros suportes ou, talvez até, em determinados gêneros textuais?

O tema é instigador e merecedor de análises pormenorizadas que venham a colaborar com a pesquisa mais ampla em que ele se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia de linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

_____. *Problemas de linguística geral II*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.

CEIA, Carlos. Hipertexto. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/posmodernismo.htm>. Acesso em 20/03/2009.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido, cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 2003.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Produção e recepção de gêneros de texto do/no discurso intercultural. *Revista Eutomia*. Ano III, V. 1, Julho/2010.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982

LUZ-FREITAS, Márcia de Souza. Leitura e produção de texto acadêmico: o blog como ferramenta tecnológica e suporte textual. *Anais do II Simelp*. Évora, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. (Versão provisória) UFPE, 2003. Disponível em: www.bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GESuporte.doc

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SOARES, Mara Lúcia Fabiano. *O papel do autor de livro didático para o ensino de língua inglesa como uma língua estrangeira: um estudo de identidade autoral*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, 2007.

SOERENSEN, Claudiana. A profusão temática em Mikhail Bakhtin: dialogismo, polifonia e carnavalização. *Revista Travessias*. n. 5, 2009. Disponível em:

http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_005/artigos/linguagem/pdfs/A%20PROFUS%C3O.pdf